

A “ITALIANIDADE” E SEU AGENTE MEDIADOR NA RUBRICA DE CRÍTICA TEATRAL DO JORNAL *L’IRIDE ITALIANA* (1854-1855)

“ITALIANITY” AND ITS CULTURAL MEDIATOR IN THE RUBRIC OF THEATRICAL CRITICISM FROM THE NEWSPAPER *L’IRIDE ITALIANA* (1854-1855)

Gisele Batista da SILVA*

<http://orcid.org/0000-0002-6348-7085>

Resumo: O presente artigo analisa a rubrica de crítica teatral do jornal hebdomadário *L’Iride Italiana*, fundado no Rio de Janeiro, em 1854, pelo genovês Alessandro Galleano Ravara, compreendendo as publicações de julho de 1854 a maio de 1855. Mostramos como a atuação mediadora de Galleano Ravara foi pioneira em periódicos de especialidade temática cultural italiana naquele período, bem como analisamos a construção da imagem identitária simbólica que ele concebeu na rubrica, por meio de matéria artística. Inicialmente, evidenciamos a relevância que o jornal obteve entre intelectuais da época, os quais demonstraram clara adesão à sua proposta propagadora das letras italianas no Brasil, rivalizando com a hegemonia cultural francesa. Para esses apreciadores, *L’Iride* foi oportunidade única e inédita para entrada e circulação de matéria cultural italiana na recém nação, bem como fora fundada por uma figura cujo capital social e cultural se ampliava por meio de sua respeitada atuação na sociedade no Rio de Janeiro. Na nossa análise da materialidade e do conteúdo da rubrica, seu cronista funcionou como relevante mediador cultural, tendo utilizado o jornal como suporte de transferência cultural, por meio da propagação de conteúdos e de apreciações críticas que revigoraram temas de forte apelo cultural para a elite imperial. Além disso, a rubrica utilizou seu espaço discursivo para a formulação de um conceito de *italianidade* no Brasil, reivindicando a superioridade cultural italiana por meio da “italianização” da soprano francesa Madame Charton, defendendo, dessa forma, a preeminência italiana naquela matéria e sugerindo a submissão francesa àquela arte.

Palavras-chave: Italianidade; transferências culturais; teatro; ópera lírica italiana; *L’Iride Italiana*.

Abstract: This article analyzes the theatrical criticism rubric of the weekly newspaper *L’Iride Italiana*, founded in Rio de Janeiro in 1854 by the Genoese Alessandro Galleano Ravara, comprising publications from July 1854 to May 1855. This work demonstrates the pioneering role played by Galleano in periodicals specializing in Italian cultural themes during that period. Additionally, an analysis is conducted on the construction of the symbolic identity image conceived within the rubric through artistic themes. Initially, the relevance acquired by the newspaper among intellectuals of the time is highlighted. They exhibited a clear adherence to its mission of promoting Italian letters in Brazil, challenging the prevailing French cultural hegemony. For them, *L’Iride* was a unique and unprecedented opportunity for the circulation of Italian cultural themes in Brazil, as well as being founded by a figure whose social and cultural capital was expanded through his respected role in Rio de Janeiro’s society. In the analysis of the materiality and content of the rubric, its columnist acted as a relevant cultural mediator, using the newspaper as a support for cultural transfer, through the propagation of contents and critical assessments that reinvigorated themes of strong cultural appeal to the imperial elite. In addition,

* Professora Adjunta do Departamento de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); doutora em Letras Neolatinas (Literatura Italiana) pela UFRJ. E-mail: giselebatista@letras.ufrj.br.

the rubric used its discursive space for the formulation of a concept of *Italianity* in Brazil, having demonstrated and confirmed the Italian cultural superiority through the “Italianization” of the French soprano Madame Charton, thus confirming the Italian preeminence in that matter and suggesting French submission to that art.

Keywords: Italianity; cultural transfers; theater; italian lyric opera, L’Iride Italiana.

Nosso fito escrevendo estas toscas linhas é chamar a atenção dos benevolos leitores sobre a salutar reacção, que lenta, mas progressivamente se opera em favor da lingua e litteratura italianas. [...] O Snr. Galleano Ravara, distincto professor assás conhecido na Europa, quiz tambem lançar uma pedra no grandioso edificio da reabilitação do seu idioma da rainha d’America Meridional [...] O serviço porem mais importante que actualmente nos presta é o da redação d’um jornal (l’Iride Italiano[a]) consagrado ás letras.

(Cônego J. C. Fernandes Pinheiro)

Com o novo anno vai continuar (ou já continuou) a ser publicado um lindo jornal italiano e portuguez, do habil professor Galleano Ravara. Já prevejo com que prazer acolhereis a *Iride*, que, como uma boa mensageira, irá fallar-vos a doce e rica linguagem do Tasso, do Dante e de Petrarca, e recordar-vos aquellas magicas palavras de Romeu e Julieta, quando ouvião cantar o rouxinol e a cotovia ao raiar da alvorada.

(José de Alencar)

As frases laudatórias do crítico Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e do escritor José de Alencar somam-se a outras vozes que, entre 1854 e 1855, manifestaram seu apoio e admiração, em diferentes periódicos da época, à atuação em solo brasileiro do genovês Alessandro Galleano Ravara, sobretudo com a criação e a circulação de seu jornal *L’Iride Italiana. Giornale Settimanale del Prof. A. Galleano-Ravara*. As duas manifestações aqui reproduzidas revelam pontos de vista diferentes sobre as atividades do poeta e professor italiano e, conseqüentemente, expressam características importantes sobre suas empreitadas, realizadas nos dezessete meses de permanência no Brasil. O cônego Fernandes Pinheiro, crítico respeitado na Corte, e que na década de 1850 havia conquistado espaço relevante no círculo intelectual brasileiro, escreveu em 1855, n’*O Guanabara: Revista Mensal Artistica, Scientifica e Litteraria*, o artigo intitulado

“Reacção linguística”¹, cujo breve trecho destacamos inicialmente. Nele é construído um debate sobre a importância do estudo de diferentes línguas estrangeiras no Brasil, sobretudo do italiano, baseando seus argumentos na análise do então estado literário-mercadológico do idioma português, face à onipresença da língua e literatura francesas – que dominavam as bibliotecas e o mercado livreiro e editorial no Brasil, especialmente na Corte. Segundo o texto, as iniciativas de Galleano Ravara representariam um gesto, uma “reação”, isto é, um antagonismo ao despotismo linguístico que o idioma francês e sua respectiva cultura impunham ao “Império das Letras”² brasileiras do século XIX. Diz ainda o crítico:

A outra razão, que também cremos ter contribuído, e ainda contribue para o exclusivismo da lingua franceza, é que nenhuma das outras, inclusive a nossa, tem até hoje podido lutar contra ella no abastecimento de generos para o mercado das letras. As casas dos livreiros estão atulhadas d’obras francezas, que em razão da sua abundancia são vendidas por um preço muito mais commodo do que se pódem obter as de outro qualquer idioma. Os livros portuguezes são excessivamente caros, as edicções feitas com pouco gosto e com infinitos erros typographicos. Para obter as obras do Snr. Alexandre Herculano, por exemplo, gasta-se uma somma superior a que seria preciso para possuirmos todos os escriptos dos Snrs. Thiers, Guizot e Villemain [...] e frustra-se o nosso empenho.³

Fernandes Pinheiro deixa claro, ainda, que quaisquer iniciativas que tentassem encorajar ou incrementar a circulação de livros em português no Brasil – assim como em outras línguas estrangeiras, excluída a francesa –, certamente esbarrariam em uma série de entraves no então mercado livreiro e editorial brasileiro: os preços elevados de impressão, as constantes falhas tipográficas e a seleção pouco acurada de títulos inviabilizavam, segundo ele, que o nome do Brasil consolidasse uma efetiva participação em uma rede de comunicação com a Europa – o que Marcia Abreu denominou “comunidade letrada transnacional”, isto é, um intercâmbio intelectual de obras, cujas interações revelam complexas redes culturais (Abreu, 2016). Assim, para Pinheiro, o

¹ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Reacção linguística. In: **O Guanabara**. Revista Mensal Artística, Scientifica e Litteraria (1838-1855), Rio de Janeiro, 1855, pp. 263-268. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700630&Pesq=Galleano%20Ravara&pagfis=706>. Acesso em: 25/05/2023.

² Termo oportunamente usado no texto de Maria Lajolo – LAJOLO, Maria. O cônego Fernandes Pinheiro, sobrinho do Visconde, vai à escola. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS**. Porto Alegre, 2 (1), jun. de 1995, p.39-49.

³ “Reacção linguística” em **O Guanabara**. **Revista Mensal Artística, Scientifica e Litteraria** (1838-1855), Rio de Janeiro, pp. 265-266. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700630&pasta=ano%20185&pesq=Galleano%20Ravara&pagfis=710>. Acesso em 25/05/2023.

cultivo pedagógico e intelectual de diferentes línguas desempenharia o papel de deslocamento do preeminente eixo francês para um espaço mais amplo e isonômico de compartilhamento de obras europeias e, ainda, abriria espaço para a comunicação da literatura brasileira, em ascendente formação, com outras literaturas, dentro e fora de seu território nacional. Contudo, diante desse panorama cultural e econômico intrincado e sem consistentes iniciativas editoriais que garantissem igual estabilidade na entrada de títulos em línguas estrangeiras na Corte a preços acessíveis, Fernandes Pinheiro atribui à figura mediadora (Hansen e Gomes, 2016) de Alessandro Galleano Ravara e, sobretudo à criação do seu periódico *L'Iride Italiana*, uma saída mais simples e economicamente viável para transpor tais obstáculos e permitir a livre circulação de bens culturais italianos na Corte, sobretudo a literatura:

Incalculáveis são as vantagens que d'elle [jornal *L'Iride Italiana*] provirão: o nosso seculo prefere a leitura das gazetas a dos livros, e releva que aquelles que tem a nobre missão de instruir e moralizar o povo, acompanhem o seu pupilo ainda n'esse terreno por elle escolhido. Temos fundadas esperanças para augurar a estabilidade, e por consequencia os imensos e beneficos resultados que d'essa revista virão para a nossa litteratura, apresentando na italiana uma émula a lingua franceza [...]⁴

Há alguns anos iniciei pesquisa sobre o periódico mencionado por Fernandes Pinheiro, *L'Iride Italiana. Giornale Settimanale del Professor A. Galleano Ravara*, instigada pelo fato de que ele era frequentemente mencionado em manuais de teor historiográfico e em artigos acadêmicos. O conteúdo desses estudos, no entanto, ainda carecia de uma análise aprofundada sobre o impacto do referido periódico na sociedade leitora brasileira, em especial nos homens e mulheres leitores da Corte (Silva, 2019a; 2019b; 2020; 2021). Era patente que o caso de *L'Iride* desvelava importantes dados sobre o consumo de literatura italiana na Corte àquela época: com uma sociedade letrada ainda bastante limitada, os poucos que se aventuravam em leituras em língua estrangeira, demonstravam interesse – quase exclusivo – pela língua francesa; de escassa presença, a literatura italiana entrou no mercado livreiro, com alguma expressividade, apenas após o estabelecimento de importantes livrarias no Rio de Janeiro, como a Universal, de Eduardo Laemmert, e a Garnier, por meio de uma seleção ainda restrita de autores, muitos

⁴ Reação linguística” em *O Guanabara. Revista Mensal Artística, Scientifica e Litteraria* (1838-1855), Rio de Janeiro, pp. 265-267. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700630&pasta=ano%20185&pesq=Galleano%20Ravara&pagfis=710>. Acesso em 25/05/2023.

traduzidos para o francês, e outros com versões para o português traduzidos do francês – ou seja, o texto original permanecia ignorado.

Por esse motivo é que hoje identificamos nos inúmeros esforços de Galleano Ravara, durante os anos em que permaneceu na Corte, a conquista de um considerável capital social no Rio de Janeiro, embora tivesse chegado ali em janeiro de 1854 e tenha falecido em maio de 1855. Suas redes de sociabilidade o colocaram em posição privilegiada diante da comunidade intelectual brasileira, e sua “missão civilizadora”, isto é, formadora, havia criado uma sólida ponte com a ainda incipiente elite letrada brasileira e também com a Corte, nas figuras do Imperador e da Imperatriz do Brasil. Os “pupilos” a que se refere Fernandes Pinheiro no texto eram representados pelos estudantes do Imperial Colégio de Pedro II, onde Ravara lecionou inglês, francês e italiano; também pelos alunos de seu curso de “línguas estrangeiras vivas”, frequentemente anunciado em jornais de considerável circulação no Rio de Janeiro; e, ainda, pelos frequentadores de suas “conferenze italiane”, reuniões em que o professor italiano apresentava seu método inovador de aprendizagem de línguas (baseado no *Methodo Portuguez de leitura repentina*, ideado pelo amigo português António Feliciano de Castilho) e cujas exibições lotavam ginásios de escolas e ganhavam adeptos continuamente na Corte⁵.

O nome de Galleano Ravara, entretanto, já chegara ao Brasil com certa notoriedade, como é possível confirmar não só por meio de sua nomeação sem concurso para a cátedra de língua inglesa no Imperial Collegio de Pedro Segundo, em novembro de 1854⁶, por indicação direta do Conselheiro de Estado e Ministro da Instrução primária e secundária do Município ao Imperador D. Pedro II, mas também pelas cartas que ele mesmo reproduziu nas páginas de sua *L'Iride Italiana* – diálogos travados com personalidades portuguesas⁷: no quarto número de seu jornal, de 23 de julho de 1854, o poeta e professor italiano publicou carta trocada com António Feliciano de Castilho em abril do ano

⁵ Além das conferências sobre o novo método de ensino do italiano, Ravara dividia com o amigo conterrâneo Pietro Bosisio um espaço dedicado a aulas de línguas e de contabilidade comercial.

⁶ Alesandro Galleano Ravara substituiu o falecido professor José Manoel Valdez y Palacios nas aulas de inglês para só posteriormente, em 1855, assumir a cadeira de língua italiana do colégio, como noticiado no *Correio Mercantil*, ano XI, n. 307, de 8 de novembro de 1854, p. 1.

⁷ Vale lembrar que, curiosamente, *L'Iride Italiana* não cedeu espaço a nenhum diálogo com intelectuais ou literatos brasileiros, embora o jornal tenha sido mencionado por alguns deles, como vimos. Durante a direção de Galleano Ravara (de julho de 1854 a maio de 1855), há apenas uma “publicação a pedido” em 1855, no nº11 do jornal, na qual o “admirador” e jovem poeta português Francisco Gonçalves Braga, conhecido pelas leituras elogiosas que fez de autores brasileiros nos seis anos que permaneceu no Brasil, publica poema intitulado “Saudação” dedicado “A Domingos José Gonsalves de Magalhães, o Príncipe dos poetas brasileiros” (cf. *L'Iride Italiana*, p.76 [8], Hemeroteca Digital FBN). *L'Iride* publicou, ainda, os dez primeiros cantos d’*Os Lusíadas*, no nº 8 de 1855, com versão para o italiano assinada pelo próprio Galleano Ravara (Cf. *L'Iride Italiana*, pp.48-50 [4-6], Hemeroteca Digital FBN).

anterior; em 13 de agosto do mesmo ano, duas importantes interlocuções: uma carta que recebera de Almeida Garrett, que se dirigiu a ele por “amigo e poeta irmão”, e, ainda, uma resenha de seu *Album Italo-Portuguez*, escrita pelo crítico português José Maria de Andrade Ferreira.

Retornando às epígrafes que abrem este artigo, a crônica de José de Alencar, publicada no *Correio Mercantil* de 7-8 de janeiro de 1855, por outro lado, busca orientar a atenção do leitor para *L'Iride* sob diferente aspecto: confirmava o desenvolvimento de uma promissora aliança cultural em desenvolvimento no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, representada pela circulação de sociabilidades intelectuais e culturais italianas por meio de práticas (companhias de teatro lírico) e de canais de mediação (novamente *L'Iride Italiana*), que envolviam uma específica rede de atores estratégicos e de agentes culturais. A permanência de companhias italianas de teatro lírico, por exemplo, que desde o início do século se apresentavam na Corte, proporcionou o fluxo de um bem cultural cuja incorporação à realidade e aos hábitos brasileiros acabou por exprimir um projeto de associação e assimilação cultural e social entre Brasil e Itália⁸ – o “*nosso teatro italiano*”⁹, como afirmou o próprio Alencar. Para se ter uma ideia da importância dessa arte àquela época, também Machado de Assis, quase duas décadas mais tarde, escreveu uma crônica na *Ilustração Brasileira*, na qual elogiava o teatro lírico e a atriz e cantora lírica Augusta Candiani, que havia estreado no palco do Teatro São Pedro de Alcântara¹⁰ em 1844 na ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini, e em 1877 já alcançara prestígio e sucesso na cidade.

Fato é que Alessandro Galleano Ravara e seu periódico hebdomadário *L'Iride Italiana* figuram em ambos os textos de importantes intelectuais do Brasil da segunda metade do século XIX, evidenciando o desempenho de considerável dimensão e reputação do poeta e professor italiano, revelando a eficácia de suas redes de atuação e de sociabilidade estabelecidas e, ainda, propagando temas e personalidades da cultura italiana no Brasil. E tudo isso em um período anterior ao grande fluxo imigratório italiano

⁸ Cf. AVELLA, 2014, s/p.

⁹ “Por enquanto contentai-vos com estas doces recordações que vos avivarão saudades da Stoltz e das belas noites do *nosso teatro italiano*”. Cf. *Correio mercantil e Instructivo, Político, Universal (RJ)*, 8 de janeiro de 1855, ano XII, n.7, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&pagfis=9875>, acesso em 05/05/2023.

¹⁰ Na crônica de Alencar já mencionada, de 1855, o literato brasileiro lembra o movimento de estímulo ao teatro italiano no Rio de Janeiro: “Como sabeis, formou-se nesta côrte uma associação para montar no teatro de S. Pedro de Alcântara uma companhia italiana de primeira força. Já forão publicadas nesta folha as bases da nova sociedade que intenta levar a effeito aquelle projecto” (Cf. *Correio mercantil e Instructivo, Político, Universal (RJ)*, 8 de janeiro de 1855, ano XII, n.7, p.1).

para o Brasil, cujo clímax é identificado a partir de 1875. A matéria cultural italiana parece ter tido presença ainda inconsistente ou sutil nos espaços de coletividade intelectual da Corte: às treze livrarias existentes na capital em 1821, somaram-se apenas mais duas até 1850 (Machado, 2010, p.68) e nas suas estantes crescia o número de obras da literatura francesa e inglesa (Machado, 2012, p.72), com versões em português na sua maioria, enquanto aquelas da península itálica não encontravam grande interesse de livreiros franceses e do público. Em anúncios e artigos de jornais locais é, contudo, possível identificar algum entusiasmo por temas da literatura italiana, embora voltado quase que exclusivamente, aos clássicos do “Parnaso italiano” – Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso (cf. *Jornal do Commercio*, 18/6/1828).

A confrontação entre os textos do Cônego J. C. Fernandes Pinheiro e de José de Alencar, parece-nos, evidencia a relação precipuamente imbricada entre mercado material e mercado simbólico, na qual o valor (simbólico) de *L'Iride* se justifica e fortalece tanto pela garantia da “qualidade” intelectual de seu conteúdo, quanto pela forma de consumo do bem cultural pelo qual é veiculado – jornais eram mais baratos e, por isso, mais acessíveis do ponto de vista socioeconômico. E fato é que o tema que mais se manifestou no jornal de Galleano Ravara, a fim de criar vinculação com a sociedade brasileira, foi o teatro lírico italiano, em ascendente prestígio à época.

Seguindo a argumentação de Fernandes Pinheiro, outro importante aspecto do suporte jornal como veículo de circulação da cultura italiana, além do fator econômico, era seu caráter atual, contínuo/sequencial e regular, que permitia a manutenção da matéria cultural publicada, sob os signos da informação, do factual, do hodierno, do frequente e da estabilidade, abonando à publicação confiabilidade e fidedignidade.

Tendo em vista esses fatores, a rubrica de crítica teatral de *L'Iride Italiana*, denominada *Teatro Lirico Fluminense*, ganha importância na análise que pretendemos apresentar, com o objetivo de destacar dois importantes pontos: primeiro, a atuação de agentes que dela participaram como vetores propagadores de bem cultural italiano na Corte do Rio de Janeiro nos anos de 1854 e 1855; segundo, analisar como a rubrica foi multiplicadora de um perfil identitário de *italianidade*, ideado por esses agentes de *L'Iride*, por meio da exploração de uma polêmica em torno da figura da soprano francesa *Madame Charton*, ou melhor, Arsène Charton Demeur.

Para preservar a coerência das propostas editoriais de *L'Iride* – fundamental para a imagem simbólica de *italianidade* construída pelo jornal sobre a qual desejamos debater

– limitamos nossa análise às rubricas mantidas sob a direção de Galleano Ravara, falecido em maio de 1855, apenas dez meses depois da fundação do periódico. O jornal retomou sua circulação cinco meses depois, em 4 de outubro, sob nova direção do também italiano Pietro Bosisio Randone e com a publicação de um novo editorial, tendo finalmente terminado suas atividades em janeiro de 1856. Totalizam, assim, 26 os números consultados para esta proposta de análise – de julho de 1854 a abril de 1855.

Os italianos e a ópera lírica na Corte

O breve Reino da Itália, instituído por Napoleão, reforçava nos patriotas a aspiração à Independência; a declaração repentina da Independência do Brasil, proclamada a 7 de setembro de 1822, por D. Pedro I, demonstrava a possível realização do sonho frustrado em pátria. Enquanto o século avançava, centenas de viajantes se tornavam milhares de emigrantes, por vezes instruídos, mas, em sua maioria, iletrados levados a atravessar o oceano pela miragem de uma nova vida num país jovem, independente e lançado numa corrida febril em direção ao progresso. (Vannucci, 2017, p. 209).

A descrição feita por Alessandra Vannucci parece traduzir com exatidão o movimento que trouxe ao Brasil Alessandro Galleano Ravara e muitos italianos contemporâneos a ele na primeira metade do século XIX. Embora não o afirmasse explicitamente em sua publicação, há inúmeras indicações em *L'Iride* de que seu idealizador se posicionava favorável ao processo de unificação do território italiano, cujas disputas haviam iniciado em 1815 e, depois dos fracassados movimentos revolucionários de 1848, ainda não haviam chegado a termos de concórdia. À época, portanto, era indubitavelmente mais fácil pleitear e bradar ideais republicanos em solo distante e de próspero desenvolvimento do que no calor dos conflitos em solo pátrio.

Essa dispersão de italianos de seu território, que cresceu e se avolumou no Brasil dos anos de 1870, já na década de 50 trouxe para o Rio de Janeiro médicos, engenheiros, arquitetos e também o professor e poeta genovês Alessandro Galleano Ravara. Essa crescente presença estrangeira ganhara força depois do casamento de D. Pedro II com a princesa napolitana Teresa Christina Maria de Bourbon, que ajudou a promover e a difundir as letras e a cultura italiana entre imigrados e brasileiros, e o teatro foi o ponto de encontro mais partilhado entre esse público de letrados.

Em 1813, foi construído no Rio de Janeiro o primeiro “teatro decente”, cumprindo-se um decreto assinado por D. João VI, que ao chegar ao Brasil três anos antes expressou seu desagrado pela singeleza das “casas de ópera” (Prado, 2008, p.31) – “É o primeiro de uma série de cinco edifícios teatrais levantados no mesmo local, três consumidos pelo

fogo, em 1824, 1851, 1856, e o quarto vítima, em 1930, de um feroz ímpeto destruidor e modernizador” (Prado, 2008, p. 31-32). Alguns desses teatros ficaram famosos por terem difundido a arte que, a partir de 1840 virou febre na Corte: a ópera lírica italiana. Os teatros que a acolhiam figuravam verdadeiros espaços de exposição pública das elites que, segundo Geraldo Mártires Coelho, era uma estratégia comum à época de reconhecimento social (Coelho, 2006, p. 273). Além do valor simbólico, a vinda das companhias líricas italianas ao Brasil movia uma espécie de “economia em nome da civilização” (Rosselli, 1993, p.143). Embora muitas vezes fossem um negócio arriscado para os artistas, eram atividades culturais imperativas para a consolidação de uma imagem – simbólica – nacional que se queria construir por aqui: miscigenada com a Europa, cada vez mais “embranquecida”.

Segundo Rosselli, a América do Sul (Brasil, Argentina e Uruguai formavam um circuito próprio para as companhias líricas) se constituiu um território lucrativo a ser explorado seja por cantores aspirantes, mas também por artistas em vias de aposentadoria (Rosselli, 1993, p. 46). Com eles, vieram diversos profissionais da indústria operística italiana e “esse esforço culminou na tentativa de estabelecer um cartel ítalo-sul-americano para controlar e administrar a produção de ópera e as casas de ópera em ambas as pontas”¹¹.

Fato é que a ópera lírica italiana fora recebida no Brasil como uma fonte de grandeza e sublimidade, como afirma José de Alencar em outra crônica do *Correio Mercantil*, de 18 de março de 1855: da península o Brasil era devedor, onde também fora “beber as últimas inspirações de seu poema nacional”.

A rubrica *Teatro Lirico Fluminense*: materialidade e objetivos¹²

A rubrica *Teatro Lirico Fluminense* ocupava, até 21 de janeiro de 1855, a quarta e última página do jornal e tratava das encenações e de demais assuntos relacionados ao teatro lírico na capital do Império. Era, de fato, a seção mais recorrente do jornal, totalizando onze ocorrências nos primeiros quatorze números consultados.

¹¹ “[...] this effort culminated in an attempt at setting up an Italo-South American cartel to control and manage opera production and opera houses at both ends” (Rosselli, 1993, p. 148, tradução nossa).

¹² Para a análise da rubrica teatral, faço a devida e entusiasmada menção à minha bolsista PIBIC/UFRJ Amanda Palermo Silva, cuja contribuição para este artigo é imperiosa, uma vez que a bolsista, em seu período de pesquisa (2018-2022), conquistou importantes reflexões, refinando-as durante as reuniões de orientação, e alcançando conclusões fundamentais para a pesquisa e, portanto, para este artigo.

Efetivamente, é possível constatar serem “teatro” e “ópera lírica” os temas predominantes de todo o jornal, ultrapassando mesmo os limites físicos da rubrica de crítica teatral, como se nota já no quarto número do periódico, de 23 de julho de 1854, no qual Ravara escreve uma seção dedicada ao compositor alemão Meyerbeer (Jacob Liebmann Beer, 1791-1864) e que tem continuidade no número seguinte do impresso. A rubrica *Teatro Lirico Fluminense* era diferente das demais seções do jornal, na medida em que era escrita somente em italiano. Esta escolha por parte do fundador e editor do jornal nos permite especular, a princípio, sobre o seu público-alvo – a elite cultural da Corte, entusiasmada com a língua de Dante e de presença assídua nos teatros da capital do Império.

No que diz respeito ao tamanho e à autoria das crônicas, a rubrica variou bastante. A primeira, por exemplo, é assinada em 16 de julho de 1854 por *G.X.B.*, ao passo que a segunda, de 23 de julho, tem por autor *La verità*. Não fica claro, contudo, se havia de fato colaboradores diferentes nesta seção ou se esses são apenas pseudônimos de um mesmo crítico, no caso o próprio Ravara. Determinar, portanto, os agentes contribuidores da rubrica é tarefa extremamente complexa, uma vez que há, inclusive, diversos números dela em que não há sequer uma assinatura. Sabe-se, contudo, que Galleano Ravara traduziu para o português alguns libretos de óperas distribuídos em teatros da Corte¹³, além de ser apreciador da ópera lírica e frequentar tais apresentações assiduamente. Parece, portanto, que a grande fonte crítica da rubrica de *L'Iride* era seu próprio editor, que ora se apresentava sob pseudônimo, ora sequer assinava as críticas que publicava. Lembremos que Ravara, no primeiro editorial de *L'Iride*, de 2 de julho de 1854, apontou como quinto objetivo da publicação, “observar de perto as deficiências a que está sujeito o teatro lírico, e corrigi-las com a crítica, enaltecendo o mérito onde ele se encontre”¹⁴.

A rubrica teatral de *L'Iride* apresenta diversas características do gênero crônica, como o tom dialogal com os leitores e a narração de situações do cotidiano. Embora o tema da rubrica fosse de especialidade temática, o tratamento dado ao seu conteúdo era de fácil compreensão e acesso, e tinha uma linha cronológica bem clara e estabelecida para os leitores: comentavam-se as encenações recentes e vigentes nos teatros, na sua

¹³ Há pelo menos um deles resguardado na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, intitulado **Gli Arabi nelle Gallie ossia II trionfo delle fede; melodrama serio da reppresentarsi nee teatro lirico fluminense addi 27 zennajo 1855**. La versione interlineare e seconde il sistema del professore A. Galleno Ravara. Rio de Janeiro: Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1855.

¹⁴ “Di osservare da vicino le mancanze a cui va soggetto il teatro lirico, e correggerle con l’opinione, lodando il merito ove si trovi” (*L'Iride Italiana*, n.1, 2 julho de 1854, p.1, tradução nossa).

maioria apresentações da semana anterior à publicação. Com efeito, o próprio jornal se utiliza, no número seguinte, do termo *Cronaca Teatrale* para referir-se à própria rubrica crítica¹⁵.

Cronistas do cotidiano, memorialistas e escritores que narram a vida do Rio de Janeiro [...] enfatizam o papel do Teatro Lírico para a vida social e a sociabilidade mundana da Corte, ainda segundo os padrões comportamentais que tinham como matriz as principais capitais europeias. (Coelho, 2006, p. 273).

Fica claro que a rubrica *Teatro Lírico Fluminense* não se restringia ao seu espaço discursivo, extrapolando-o fisicamente porque: (1) há fortes indicativos de que havia apenas um cronista que se ocupava das resenhas teatrais, seu próprio fundador e editor Galleano Ravara, cuja dedicação à ópera lírica era conhecida; (2) a ópera lírica foi, em última instância, uma espécie de discurso civilizacional no século XIX, que proporcionava uma conquista de formas superiores da vida social; e (3) porque a ascensão e prestígio de que o teatro lírico desfrutava na Corte permitiam que o tema fosse a ponte dialogal perfeita com o público-alvo a que se destinava o periódico. Dessa forma atraía não apenas leitores, mas aliados para uma das causas mais defendidas pelo jornal – propagar as letras italianas, superando, em qualidade e mérito, a cultura francesa no Brasil. E era exatamente esse valor simbólico de *italianidade*¹⁶ que estava contido nessa manifestação cultural, isto é, além do bom gosto musical, da aptidão para as artes, haveria nos italianos (e, portanto, também na sua ópera lírica) uma natureza moral, de virtudes e bons costumes, que chancelava e justificava a sua propagação por território estrangeiro.

Além disso, como assinala Mártires Coelho no trecho acima, o teatro passou a desempenhar um papel nas sociabilidades da Corte (Coelho, 2006, p. 275) e foi, em muitos casos, justo por esse motivo, sustentado financeiramente pelo governo imperial, em nome da civilização: “O governo financiava as temporadas de ópera mediante loterias ou na parceria com sociedades de amadores abastados, que gozavam do usufruto de camarotes” (Vannucci, 2017, p. 210).

A rubrica destacava-se, ainda, pela análise crítica e apreciativa do contexto e da conjuntura dos teatros da Corte – em julho de 1854, por exemplo, o *Theatro Lyrico*

¹⁵ “[...] questa è pure l’opinione dei nostri collaboratori incaricati della Cronaca Teatrale!” (*L’Iride Italiana*, nº 7, 13 de agosto de 1854, p.4).

¹⁶ Por *italianidade*, compreendemos a representação de uma coletividade, de um patrimônio cultural simbólico e discursivo.

Fluminense teve suas apresentações suspensas devido ao mau estado da infraestrutura do imóvel, como aponta o *Correio Mercantil* de 23 de julho de 1854. A rubrica do jornal de Ravara comenta sobre este caso no dia 6 de agosto do mesmo ano, no texto intitulado *Il presente, il passato e l'avvenire*. Na sua crítica, o autor sugere que se supere o passado do Teatro e que sejam corrigidos os erros do presente, a fim de caminhar para um futuro próspero, defendendo a manutenção física do teatro e aquela simbólica da arte que ele promove.

A respeito de seu conteúdo, a rubrica avaliava artistas em cartaz nos teatros do Rio de Janeiro, dentre eles atores celebrados como Arnaud, Bouché, G. Ferranti, a primadona Madame Charton – a artista mais comentada, presente em pelo menos cinco das onze rubricas analisadas – e sua “concorrente” à época, Annetta Casaloni. O cenógrafo Mario Bragaldi, convidado a integrar a companhia do Teatro Lyrico Fluminense em 1854, também foi alvo da análise crítica de *L'Iride*. A avaliação do milanês, no entanto, ultrapassa o espaço destinado à rubrica de crítica teatral e é destaque, juntamente com Madame Charton, na primeira página do jornal em seu sexto número de 1854, sob o título “La Lucia colla Charton e la scena del Bragaldi”. No artigo, comenta-se a respeito da segunda montagem do cenógrafo no Teatro Lyrico Fluminense: *La figlia del Reggimento*. Esta ópera em dois atos tem suas primeiras cenas nos Alpes Suíços, segundo o jornal, muito bem reproduzidos por Bragaldi. De acordo com *L'Iride*, “a cena de Bragaldi que representa um pedaço da Suíça foi magnífica, grande, surpreendente, digna do pincel de quem desenhou o cemitério de Ravenswood [...]”¹⁷.

Esse transbordamento do espaço físico da rubrica se repete em muitos números, com a publicação de diferentes – e, por vezes, únicas – seções que tratam de diversos temas relativos ao teatro ou à música, mudando de gênero textual, segundo o propósito da publicação – de biografias à crítica teatral, de dicionário e álbum a notícias diversas sobre arte no Brasil e na Itália.

Outro artista reconhecido à época e mencionado em *L'Iride* foi G. Ferranti, cuja atuação foi comentada em diversos números do jornal. Na rubrica do décimo número de 1854 do periódico, o cronista apresenta crítica com sutil tom negativo, mesmo que cordial – iniciado já com o adjetivo “simpático” atribuído ao artista no título –, a respeito da performance do ator: destaca a popularidade de Ferranti entre os jovens e elogia a personalidade gentil e simpática do artista; no entanto, quando se trata de sua performance

¹⁷*L'Iride Italiana*, ano I, nº5, 30 de julho de 1854, p.4.

nos palcos, o cronista sugere que sua atuação é insuficiente e dá margem a desaprovações – “... [a ópera] por Ferranti cantada com maestria, mas com pouco bom gosto escolhido para fechar uma página de sua vida artística na América”¹⁸.

O programa editorial de *L'Iride* garante que as análises críticas do periódico se propunham imparciais: “Não temos inimigos de quem tendamos a nos vingar com tinta envenenada, porque nossa pena é pacífica; e se tivéssemos inimigos, não seria assim que nos vingariamos”¹⁹. Essa *pena pacífica*, ou seja, este declarado caráter justo e imparcial da crítica, assim como a não predileção por figuras artísticas, não são sempre verificados nos textos da rubrica – especialmente na conhecida querela entre Madame Charton e Annetta Casaloni. A atuação de Madame Charton foi mote de diferentes apreciações críticas, sempre elogiosas à soprano francesa e comparativamente superiores em relação aos outros artistas do teatro lírico, como veremos mais adiante. O escopo da rubrica, portanto, compreendia resenhas e comentários sobre a cena geral do teatro lírico no Rio de Janeiro, uma vez que, segundo Galleano Ravara afirma no editorial, o teatro lírico era patrimônio cultural italiano e, portanto, caberia aos italianos os comentários e as críticas mais relevantes e legítimas sobre esta arte, em um país, como o Brasil, inundado de referências francesas.

O caso Madame Charton: exemplo de projeto de *italianidade*

Como já mencionado anteriormente, a artista mais comentada da rubrica teatral de *L'Iride* foi a experiente Anne Charton-Demeur (1824-1892), renomada soprano francesa, que teve inexpressiva repercussão na ópera cômica francesa, mas que ganhou fama e admiradores com as suas interpretações de óperas líricas italianas. No jornal de Galleano Ravara, ela teve um maior número de inserções e foi alvo de elogios hiperbólicos – dotada de um “sentimento musical dulcíssimo, de uma graça inefável, de têmpera não humana, a Charton canta e faz esquecer a vida terrena”²⁰. Já Annetta Casaloni (1826-1915), mezzo-soprano contralto italiana, inspiração do poema *Um Anjo*, de Machado de Assis, protagonizou disputas acirradas com Charton, representadas pelos partidários

¹⁸ “[...] dal Ferranti maestrevolmente cantata, ma con poco buon gusto scelta a conchiudere una pagina della sua vita artistica in America.” (*L'Iride Italiana*, ano I, nº10, 3 de setembro de 1854, p.4, tradução nossa).

¹⁹ Noi non abbiamo nemici per tendere a vendicarci con inchiostro avvelenato, perché la nostra penna è pacifica; e se avessimo nemici, non è così che ce ne vendicheremmo” (*L'Iride*, ano I, nº3, 16 de julho de 1854, p.1, tradução nossa).

²⁰ "Dolcissimo sentimento musicale d'una grazia ineffabile di non umana tempera La Charton canta e fa dimenticare la vita terrena" (*L'Iride Italiana*, nº4, 1854, p.4, tradução nossa).

casalonistas e chartonistas, que chegavam a realizar brigas físicas nos teatros do Rio de Janeiro, ao final das apresentações. A rivalidade das cantoras era também alimentada cotidianamente em vários jornais da época, seja por críticos ou por diletantes que trocavam farpas em textos de indignação e com elogios às performances das artistas.

De acordo com o primeiro editorial de *L'Iride*, publicado no número 1 de 2 de julho de 1854, o jornal se fazia necessário na Corte, pois serviria de instrumento formativo àqueles que desejavam aprofundar-se na matéria cultural italiana, sobretudo na ópera lírica italiana. Para isso, além do conhecimento da língua, era necessário “ser italiano, ao menos sentir como um italiano, falar como um italiano, compreender como os italianos”²¹ e, mesmo tendo uma representante italiana nos teatros do Rio de Janeiro, a *L'Iride* de Galleano Ravara escolheu exaltar justo uma soprano francesa, ecoando vozes de chartonistas. Não à toa, certamente. A capitalização da imagem de Charton parece ter sido exemplo metonímico do projeto do periódico italiano fundado no Rio de Janeiro: “Italianizem-se” – diz “La verità”, o autor da crônica escrita em *L'Iride* em 23 de julho de 1854 – “[...] Madame Charton, la Hayez [...] ensinaram a perdoar os invasores, mas nós lhes impusemos as condições. Italianizem-se!”²². A lição do jornal é clara: a qualidade de Charton estava diretamente ligada à sua submissão ao espírito artístico italiano representado na arte operística, que jamais poderia ser reproduzido por artista que não subjugasse pretensões políticas, a fim de reproduzir a técnica, os princípios e a devoção aos verdadeiros criadores e depositários daquela arte – Charton foi capaz de expressar *italianidade*, uma vez que se tornou, ela própria, representação simbólica de uma identidade. A artista representaria, metonimicamente, a redenção dos franceses que haviam “usurpado” a arte lírica dos italianos.

Considerações finais

Pretendemos apresentar, nas reflexões trazidas neste artigo, como o jornal *L'Iride Italiana*, fundado no Rio de Janeiro da década de 1850, foi capaz de representar na sua rubrica de crítica teatral *Teatro Lirico Fluminense*, o projeto de construção identitária

²¹ “l'essere italiano, almeno sentire come un Italiano, parlare come un Italiano, capire come gl'Italiani” (*L'Iride Italiana*, ano I, nº 1, 2 julho de 1854, p.2, tradução nossa).

²² Madame Charton [...] hanno insegnato a perdonare agl'invasori, ma noi abbiamo loro imposto delle condizioni. Italianizzatevi! (*L'Iride Italiana*, ano I, nº4, 23 de julho de 1854, p.4, tradução nossa).

previsto desde seu primeiro editorial, uma imagem simbólica, ideada em solo estrangeiro, de um espaço geográfico ainda fragmentado, mas que já acumulava intensos debates e disputas rumo à unificação e nacionalização territorial. Para o fundador do periódico Alessandro Galleano Ravara, um relevante agente mediador no Brasil, a Itália unificada, como aspiração e ideia, já existia desde tempos imemoriais, representada por sua nata inclinação às artes, e o professor genovês bradava por seu reconhecimento. *Teatro Lirico Fluminense* foi, nesse sentido, o espaço de construção e de fortalecimento desse ideal simbólico identitário – a *italianidade* –, que certamente foi capaz de conferir à publicação um pioneirismo jamais visto em qualquer outra iniciativa à época.

Referências bibliográficas

AVELLA, Aniello Angelo. **Teresa Cristina de Bourbon**: uma imperatriz napolitana nos trópicos 1843-1889. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

COELHO, Geraldo Mártires. Cena lírica e representação: a ópera como valor civilizacional. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História e Linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p.269-280.

GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUIMARÃES, Valéria (Org.). **Transferências culturais**: o exemplo da imprensa na França e no Brasil. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

LAJOLO, Maria. O cônego Fernandes Pinheiro, sobrinho do Visconde, vai à escola. In: **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS**. Porto Alegre, 2 (1), jun. de 1995, p. 39-49.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MACHADO, Ubiratan. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

PRADO, Décio de Almeida. **História concisa do Teatro Brasileiro – 1570-1908**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ROSSELLI, John. Latin America and italian opera: a process of interaction, 1810-1930. **Revista de musicología**. Sociedad Española de Musicología (SEDEM), vol. 16, n. 1, 1993 p.139-145.

SILVA, Gisele Batista da. O jornal L'Iride Italiana (1854-1856). **TRANFOPRESS Brasil**. Disponível em: <https://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/o-jornal-liride-italiana-1854-1856/>

SILVA, Gisele Batista da. L'Iride Italiana: italianidade no Brasil oitocentista. **Revista História** (São Paulo), v.38, 2019, p. 1-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/Mws3vHRBg6m38XqWcGDFmdn/?format=pdf&lang=pt>

SILVA, Gisele Batista da & RODRIGUES, Wellington de Jesus Neves. Dante por um e por todos: L'Iride e as letras italianas no Brasil oitocentista. **InterFACES**, Rio de Janeiro, vol. 31, n. 1, jan.-jul. 2021, p.115-126. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/46470/26277>

SILVA, Gisele Batista da. Narrativas da cultura italiana no Brasil oitocentista: identidade e subjetividade enunciativa na imprensa de imigração. **Revista Lumina**, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 13, n. 1, p. 91-10. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26080/18829>

VANNUCCI, Alessandra. Um barítono nos trópicos. **O eixo e a roda**: revista de literatura brasileira, v. 26, n. 2, 2017, p. 207-227.

Recebido em: 30/06/2023.

Aceito em: 06/09/2023.